



## **10º Congresso de Pós-Graduação**

### **A MEMÓRIA COLETIVA E A ORALIDADE NO OESTE AFRICANO**

#### **Autor(es)**

---

ANTONIO FILOGENIO DE PAULA JUNIOR

#### **Orientador(es)**

---

CESAR ROMERO AMARAL VIEIRA

#### **1. Introdução**

---

Este breve estudo procura desenvolver um paralelo entre as reflexões de Maurice Halbwachs no texto “ A Memória Coletiva “ e a oralidade no oeste africano de acordo com Amadou Hampaté Bá no texto “ Tradição Viva “, publicado originariamente na coletânea História Geral da Africa volume 1 em 1980 e relançado no Brasil em 2010 com o mesmo título em uma parceria entre o MEC, a Unesco e a Ufscar.

Ao pensarmos a ideia de memória no continente africano percebemos a sua relação com a coletividade, algo que mantém viva essa memória transmitida de modo geracional, o que é denominado de tradição. Em nossa abordagem visamos compreender os pontos de encontro possíveis entre esses autores no intuito de reconhecermos melhor o papel da memória na constituição da oralidade no oeste africano.

#### **2. Objetivos**

---

Estabelecer um canal de diálogo entre culturas, nos parece ser algo relevante em um mundo que se revela cada vez mais heterogêneo. Um mundo que no contexto da globalização, na perspectiva da pós-modernidade e dos deslocamentos culturais se percebe imerso em variadas formas de imagem e representação. É nesta perspectiva que notamos o quanto o diálogo se faz necessário como mecanismo essencial de aproximação com o outro. Deste modo, viabilizarmos aproximações que propiciem encontros mais satisfatórios e menos traumáticos, passa a ser um recurso que se mostra coerente, principalmente ao ampararmos tal proposta na educação.

Em face desta possibilidade que nos propomos a trazer para esta perspectiva dialógica o pensamento de Maurice Halbwachs (1877-1945) sobre a memória coletiva e o pensamento de Amadou Hampaté Bá (1900-1991) sobre a oralidade, tendo como objetivo o entendimento da questão da oralidade no contexto cultural do oeste africano.

#### **3. Desenvolvimento**

---

O continente africano e mais especificamente a região do oeste africano é composto por vários países entre eles o Mali, país de origem de Ba. Esta região é habitada por uma diversidade de grupos étnicos, embora haja distinções entre estes grupos no que concerne a

cultura, existem pontos de semelhança bastante evidentes entre os mesmos. Um desses pontos é a questão da oralidade.

Nas tradições africanas, pelo menos nas que conheço e que dizem respeito a toda região de savana ao sul do Saara, a palavra falada se empossava, além de um valor moral fundamental, de um caráter sagrado vinculado à sua origem divina e às forças ocultas nela depositadas. Agente mágico por excelência, grande vetor de forças etéreas, não era utilizada sem prudência. ( BA, 2010, p. 169 ).

A palavra é vista por eles como algo divino, que possibilita a recriação do mundo e da pessoa. Um tempo sagrado é vivenciado, permitindo uma experiência concreta, social e histórica. Ao ser dita, a palavra traz a tona uma série de referenciais passados, presentes e mesmo futuros, não apenas de modo linear. Esta concepção de mundo recupera campos dimensionais do ser humano, que o recompõe perante si mesmo e perante a comunidade.

A tradição oral é a grande escola da vida, e dela recupera e relaciona todos os aspectos. Pode parecer caótica àqueles que não lhe descortinam o segredo e desconcertar a mentalidade cartesiana acostumada a separar tudo em categorias bem definidas. Dentro da tradição oral, na verdade, o espiritual e o material não estão dissociados. Ao passar do esotérico para o exotérico, a tradição oral consegue colocar-se ao alcance dos homens, falar-lhes de acordo com o entendimento humano, revelar-se de acordo com as aptidões humanas. Ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recriação, uma vez que todo pormenor sempre nos permite remontar à Unidade primordial. ( BA, 2010, p.169 ).

A tradição no oeste africano é um processo permanente no qual os saberes se perpetuam, mas também são revistos e transformados. Quando falamos em tradição em relação a história africana, referimo-nos à tradição oral, e nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos africanos terá validade a menos que se apoie nessa herança de conhecimentos de toda espécie, pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos. Essa herança ainda não se perdeu e reside na memória da última geração de grandes depositários, de quem se pode dizer são a memória viva da África. ( BA, 2010,p.165 ).

Pode-se identificar na memória um dos elementos possíveis para analisar-se essa maneira de estar no mundo e de como significá-lo, por uma perspectiva também cultural e não apenas filosófico-ontológica. A memória torna-se uma porta pela qual podemos adentrar a esse universo distinto de saberes. O que se pretende é tornar esse fato socialmente observável em um objeto de estudos em educação, um caminho de entendimento do papel da oralidade no oeste africano.

Um dos aspectos destacados ao observarmos a questão da memória, é percebermos o seu compartilhamento, a necessidade do outro. “ Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos.” ( HALBWACHS, 2006, p.30).

O texto de Halbwachs nos traz um estudo revelador, no qual o papel do coletivo na formação da memória assume uma condição essencial. Para o autor não existe a possibilidade de uma memória individual, pois a memória se dá em um amplo conjunto de lembranças que nos conecta direta ou indiretamente aos outros. As mesmas são projetadas historicamente, mas assumem também papéis sociais e psicológicos em nosso ser, o que implica dizer que as mesmas ocorrem também em um tempo assíncrono ao nosso, em espaços vários não necessariamente aqueles medidos como espaço real. Tal aspecto também é percebido em tempos de lembranças, que mesmo ocorridas em momentos históricos determinados, são alçadas a memória de modos bastante distintos, sem que tenhamos qualquer controle sobre este fenômeno.

Esta constatação nos coloca diante de uma lógica própria da construção da memória, na qual o processo se dá nas relações com o outro, por mediações não controladas, mas que fazem sentido para o sujeito que se lembra, e no impacto que esta lembrança lhe causa, constituindo-se assim a memória como um fenômeno que se constrói e se faz presente pela interface das relações humanas.

Talvez seja possível admitir que um número enorme de lembranças reapareça porque os outros nos fazem recordá-las; também se há de convir que, mesmo não estando esses outros materialmente presentes, se pode falar de memória coletiva quando evocamos um fato que tivesse um lugar na vida de nosso grupo e que víamos, que vemos agora no momento em que recordamos, do ponto de vista desse grupo. Temos o direito de pedir que este segundo aspecto seja admitido, pois esse tipo de atitude mental só existe em alguém que faça ou tenha feito parte de um grupo e porque, pelo menos à distância, essa pessoa ainda recebe sua influência. ( HALBWACHS, 2006, p.41-42 ).

Essa abordagem possibilita nos aproximarmos com mais segurança do fenômeno da memória no oeste africano e a sua relevância na constituição da oralidade.

Quando Ba nos traz as lembranças dos tradicionalistas nos coloca diante do que ele chama o mundo dos velhos, os mestres da palavra.

Como não se interessaria por acontecimentos que lhe dizem respeito e nos quais esteve envolvida, por tudo o que agora reaparece nos relatos dos velhos que esquecem a diferença dos tempos e, acima do presente, reatam o passado ao futuro ? Não são apenas os fatos, mas os modos de ser e de pensar de outrora que se fixam assim na memória. (HALBWACHS, 2006, p. 85 ).

Essa ligação com o mais velho estabelece uma maneira de perpetuação da memória.

As vezes lamentamos não haver aproveitado essa ocasião singular que tivemos de entrar em contato com períodos que hoje conheceremos somente de fora, pela história, por meio de quadros e da literatura. Em todo caso, muitas vezes é na medida em que a presença de um parente idoso está de alguma forma impressa em tudo o que este nos revelou sobre um período e uma sociedade antiga, que ela se destaca em nossa memória. ( HALBWACHS, 2006 p.85 ).

O contato de gerações fornece uma maneira ímpar de educação, pois torna a educação um dado vivenciado pela oralidade.

A palavra falada pelos tradicionalistas é uma palavra viva, deve ser fidedigna aos relatos ouvidos anteriormente e assistidos pelos seus interlocutores, que sempre fazem a menção aqueles que viveram antes deles. Essa história tem solo fecundo na memória dos seus sujeitos que são afetados por ela, que ao transmiti-las, as revivem em seu tempo presente numa evocação coletiva, fazendo sentido para um grupo de pessoas que a compartilham e experimentam em sua realidade.

A ideia de uma tradição que não se transforma, não faz parte dessa África relatada por Ba. A solidificação aprisionaria a dinâmica existencial, tornando-se responsável por eliminar a criação viva da palavra, alijando a comunidade de seu relato, do significar-se em uma crônica permanente.

É nesta perspectiva que observamos os discursos de Halbwachs e Ba se encontrarem, revelando o fato do coletivo na constituição da memória, que por métodos próprios e atentos as suas respectivas culturas, pode nos conduzir a resultados tão próximos. Desta maneira, é possível refletir em um diálogo de saberes entre a África e o ocidente, também pela perspectiva da memória e sua relação com a palavra, seja ela falada, escrita ou mesmo imaginada.

Assim, será que poderíamos dizer que a memória em sua constituição básica é igual para todos os homens não importando a sua origem ?

Esta reflexão pode ser continuada se estivermos dispostos a perceber o outro, a reconhecê-lo em toda a sua diversidade e identidade. Este olhar para o outro implica em um olhar para si, um olhar para dentro no qual nos deparamos com as nossas próprias palavras, as nossas lembranças que necessariamente não são somente nossas.

#### **4. Resultado e Discussão**

---

Ao serem mediadas pelo outro, as palavras e as lembranças assumem parâmetros diversos, contudo bastante fecundos, que projetam a pessoa para além de algo estabelecido, que talvez configure a ideia de um ser para si, que se faz no processo aventureiro de uma existência logicamente não estabelecida.

Esta condição implica em mantermos pensamentos e ações que são dinamizados pelos outros e com os outros. A nossa liberdade nesta perspectiva não se dá só, mas na relação com o outro, é desse mesmo modo que Halbwachs nos coloca perante a nossa memória.

A memória e a palavra se fazem parceiras na construção permanente do eu, um eu que é corpo, é mente, é alma tal como um dos pressupostos da antropologia filosófica, que ao dimensionar o homem deste modo não lhe retira a perspectiva de uma unidade, de uma inteireza, embora multidimensional.

O filósofo francês Merleau Ponty (1908-1961) fez percebermos esse conjunto expressivo na constituição concreta, corpórea. Esta sim, observável, mesmo que enigmática, mas passível a reflexão, principalmente a partir de referenciais próprios localizados em seu espectro cultural.

#### **5. Considerações Finais**

---

É relevante procurar estabelecer condições mais favoráveis para os encontros culturais. Nesse sentido, acabamos por buscar dinamizar o diálogo entre saberes, buscando com isso garantir a condição existencial do outro como ele é em sua cultura, na maneira de ver e perceber o mundo. Assim, intentamos uma ética de fato universalizada e com isso uma esperança é alimentada no sentido de essa ser uma possibilidade para nossa civilização.

Deste modo, fortalecer a memória coletiva diante de fatos históricos recentes, tais como o olhar hegemônico, o mecanicismo, o consumo desenfreado, que de certa forma parece retirar do homem esse ideal emancipatório, torna-se relevante para nos ocuparmos de uma forma mais consciente e responsável do momento em que vivemos e do local que habitamos.

A memória não pode desligar-se do outro, pois ela só é com o outro e através do outro. Portanto, ela se faz na coletividade, na comunhão das lembranças e porque não dizer dos saberes, já que devemos reconhecer o processo civilizatório do outro como de mesma importância que o nosso, é daí também que as palavras ditas deveriam se constituir, possibilitando um novo diálogo.

---

Entre as nações modernas, onde a escrita tem precedência sobre a oralidade, onde o livro constitui o principal veículo da herança cultural, durante muito tempo julgou-se que povos sem escrita eram povos sem cultura. Felizmente, esse conceito infundado começou a desmoronar após as duas últimas guerras graças ao notável trabalho realizado por alguns dos grandes etnólogos do mundo inteiro. ( BA, 2010, p.167-168 ).

E ainda prossegue,

Para alguns estudiosos, o problema todo se resume em saber se é possível conceder a oralidade a mesma confiança que se concede à escrita quando se trata do testemunho de fatos passados. No meu entender, não é esta a maneira correta de se colocar o problema. O testemunho, seja escrito ou oral, no fim não é mais que testemunho humano, e vale o que vale o homem. ( BA, 2010, p.168 ).

O que Ba nos propõe não é uma rivalidade de saberes, mas a aceitação de um processo sócio cultural distinto, livre de uma hierarquia de valores ideologicamente constituída por grupos humanos em busca de poder.

O reconhecimento do outro passa por lembrarmos sempre da condição humana que perpassa todos nós em seus aspectos fundamentais e essenciais, condições essas que depois apresentam-se de modos diversos em suas expressões culturais. De qualquer modo, a memória e a oralidade aqui se fazem portadoras de uma condição humana universal. É necessário dizer que encontrar-se com o outro pressupõe conversar, falar e ouvir em um processo que requer a lembrança das coisas, das pessoas, dos fatos e dos lugares.

Enfim, essa condição antropológica da linguagem, marcante em nossa constituição, talvez possa ser ela a salvaguarda dessa perspectiva ética tão necessária a nossa contemporaneidade.

### **Referências Bibliográficas**

---

BA, A.H. Amkoullel, O Menino Fula. São Paulo: Casa das Áfricas, 2003.

BA, A.H. Amkoullel. Tradição Viva in História Geral da Africa I. ZERBO, J.K(Org ).São Paulo/Brasília:MEC / Ufscar, 2010.

CHARTIER, R. História Cultural - Entre práticas e representações. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1988.

GRUZINSKI, S. O Pensamento Mestiço. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HALBWACHS, M. A Memória Coletiva. 2ed. São Paulo: Centauro, 2006.

PONTY, M.M. Merleau Ponty na Sorbonne: Resumo de Cursos Filosofia e Linguagem. Campinas: Papirus, 1990.